

O CAMPO DA INICIAÇÃO À DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA COMO UM DESAFIO

Maria Isabel da **Cunha** – UNISINOS

Agência Financiadora: CNPq

Uma agenda propositiva está exigindo uma análise mais intensa da relação ensino e pesquisa, aprofundando o conceito de qualidade da educação superior e de como essas reflexões políticas e posições epistemológicas incidem sobre os currículos e sobre as práticas de ensinar e aprender que se desenvolvem na universidade. Vale tomar como pano de fundo as mudanças sociais e estruturais que produzem fenômenos novos, como a massificação do acesso ao terceiro grau e a emergência desse nível de escolarização para a grande maioria de jovens e adultos. Quantos dilemas nunca foram adequadamente resolvidos? Como as novas configurações estão a exigir revisões dos conceitos consolidados? Que lugares abrigam a discussão desses temas no cenário acadêmico? Como elas envolvem os jovens professores?

Nóvoa (2008) tem provocado a reflexão dos pesquisadores em educação, em interessante construção lingüística, tomando a palavra “evidentemente” como objeto. Afirma ele que tudo que se mostra evidente, mente. O uso dessa figura de linguagem serve para alertar sobre a necessidade de desconfiar das assertivas naturalizadas no campo das ciências sociais. Elas tolgem a possibilidade de uma reflexão mais sistemática e rica sobre o conteúdo que as sustentam.

Também Bernard Layer (1996) - sociólogo francês -, tem chamado atenção sobre a necessidade de questionar algumas relações construídas numa dimensão generalista que encobrem, muitas vezes, a percepção da realidade. Usa como exemplo uma das assertivas mais universais da sociologia da educação que afirma a relação entre sucesso escolar e capital cultural. Mesmo reconhecendo a base de legitimidade dessa asserção, usa pesquisa realizada por ele em escolas francesas, para colocar em questão a forma indiscutível dessa premissa. Seu estudo revela que há processos de mediação entre capital cultural e sucesso escolar que interferem na possibilidade de interdependência desses fatores, tanto numa dimensão positiva como negativa. Portanto não há linearidade permanente entre eles, como se um fosse automaticamente produtor do outro. As análises de casos, na ótica da micro sociologia, ajudam os atores escolares a compreender a importância dessas mediações e não tomá-las como um pressuposto indiscutível.

Talvez o exemplo dos estudos de Layer possa ser uma inspiração para a análise da relação ensino e pesquisa na educação superior. Há, também, nesse caso, um pressuposto inquestionável de que a pesquisa qualifica o ensino e sobre ele há uma tácita concordância que todos ratificamos. Mas será que essa relação se faz de forma tão linear? Sempre que há pesquisa haverá ensino de qualidade? Serão necessárias outras mediações para que essa relação aconteça? Quando e em que condições essa assertiva seria confirmada? Que intervenção pedagógica seria importante para esse fim? Os saberes que sustentam a pesquisa serão suficientes para a realização de práticas pedagógicas significativas? Como essas questões impactam o ensino de graduação na educação superior brasileira? Quando se tornam indicadores de qualidade?

Essas questões são instigantes para analisar o fenômeno da educação superior na contemporaneidade e se tornam mais candentes quando se analisa o caso dos jovens que acorrem à carreira docente, na expectativa de encontrar um espaço de profissionalização. Estimulados a realizarem seus cursos de mestrado e doutorado, aprenderam a trajetória da pesquisa e, em geral, aprofundam um tema de estudo verticalmente, num processo progressivo de especialização. Quando se incorporam à educação superior nesses tempos de interiorização e massificação, descobrem que deles se exige que tenham uma gama maior de saberes, em especial para o exercício da docência para o qual, na maioria das vezes, eles não têm a menor qualificação. Tomando a idéia da docência como ação complexa, terão de dominar o conhecimento disciplinar nas suas relações horizontais, em diálogo com outros campos que se articulam curricularmente. Precisarão ler o contexto cultural de seus estudantes, muitos deles com lacunas na preparação científica desejada. Terão de construir sua profissionalidade, isto é, definir estilos de docência em ação, revelando valores e posições políticas e éticas. Atuarão definindo padrões de conduta e construirão uma representação de autoridade que se quer dialógica e legitimada.

Em pesquisa recentemente realizada no contexto acadêmico, foi possível perceber um interesse significativo dos professores iniciantes em discutir suas práticas, repartir dificuldades e diferenças, compartilhar frustrações e sucessos. Parece ser um período em que estão buscando o seu estilo profissional, onde se estabelecem os valores que vão se constituindo numa marcante cultura. Entretanto as representações e as ideologias profissionais sugerem o individualismo e os joga numa condição de ambigüidade. Por um lado são cada vez mais responsabilizados pelo sucesso da

aprendizagem de seus alunos, bem como pelos produtos de sua condição investigativa. Por outro, a preparação que tiveram não responde às exigências da docência e não foram para ela preparados. Mesmo assumindo que a formação inicial não dá respostas lineares aos desafios da prática, a inexistência de qualquer teorização sobre a dimensão pedagógica os torna profissionalmente frágeis, assumindo um papel profissional para o qual não possuem saberes sistematizados. Esta condição se reflete na organização do tempo e no discurso da insuficiência que, se não analisado nas suas causas e conseqüências, leva ao conhecido “mal estar docente”. Como afirmam Correia e Matos (2001) “os professores debatem-se hoje com o agravamento desta espécie de fatalidade profissional onde o tempo que lhes falta não lhes permite lidar nem com a diversificação das suas missões nem com a heterogeneidade das temporalidades que habitam a universidade” (p. 159). Se essa condição afeta aos professores experientes, mas ainda impacta os recém iniciados. Tê-los como tema de investigação e investimento pode ser uma forma de dar visibilidade aos seus desafios. Pode, ainda, significar uma possibilidade de alcançar a proposta que faz Rios (2004) para o termo qualidade da educação: aquilo que fazemos bem e que faz bem à gente. É esse o intuito de quem coloca energias nos professores iniciantes.

Tendências dos estudos sobre os professores iniciantes

O tema dos docentes iniciantes, entretanto, dada a sua polissemia, pode ser desdobrado em distintos enfoques. Analisando os estudos que foram apresentados em recente evento sobre a temática dos professores iniciantes¹ foi possível perceber esta dinâmica.

No quadro abaixo procuramos expressar a natureza e intensidade destes estudos.

QUADRO: Enfoques de estudos sobre a temática dos professores iniciantes

Tema	Incidência de Estudos
1. Experiências de acompanhamento e formação dos iniciantes	52

¹ Trata-se do *II Congreso Internacional sobre profesorado principiante e inserción profesional a la docência* ocorrido em Buenos Aires, Argentina, entre 24 e 26 de fevereiro de 2010.

2. Construção dos saberes dos professores iniciantes	47
3. Saberes de professores/alunos na formação inicial/estágios	39
4. Inserção profissional, políticas públicas e trabalho docente	34
5. Professores principiantes em contextos desfavoráveis	13
6. Professores iniciantes e a educação digital	03
7. Formação de formadores dos iniciantes	02
8. Iniciação à docência e a pesquisa	11

Vale uma reflexão sobre os temas e suas incidências. Chama a atenção que as *experiências de acompanhamento e formação dos professores iniciantes* estivessem em primeiro lugar entre os trabalhos apresentados. Essa condição revela a existência de iniciativas institucionais nesse sentido, evidenciando que o processo de inserção profissional dos professores não é uma responsabilidade individual dos mesmos, mas um desafio institucional das políticas públicas. Como afirma Marcelo Garcia (2009) *os primeiros anos de docência são fundamentais para assegurar um professorado motivado, implicado e comprometido com a sua profissão* (p.20). O investimento institucional vem sendo reconhecido em muitos países e em grupos acadêmicos como de rara importância. Uma das estratégias mais utilizadas e legitimadas lança mão dos chamados docentes mentores ou tutores. Trata-se de uma modalidade que potencializa os saberes de professores mais experientes colando-os a serviço dos docentes principiantes. Certamente há orientações e exigências para a escolha e para a ação dos mentores/tutores. Mas eles se convertem em formadores da iniciação de seus colegas e acabam reciclando a própria formação. Essa estratégia vem sendo usada em sistemas educativos de diferentes níveis, desde a universidade até a educação básica e infantil.

Mas registram-se outras alternativas de formação. Entre elas estão as oficinas e os cursos oferecidos aos docentes em fase inicial de carreira e o uso de reuniões pedagógicas para relatos de experiências acompanhados de processos reflexivos. Grupos operativos também se mostram como alternativas viáveis usando o espaço de trabalho como referente da formação, diminuindo possibilidades de frustrações e problematizando a condição profissional dos principiantes.

O que fica evidente é que a atenção à problemática do professor iniciante vem se constituindo como um foco de interesse quer de pesquisas e intervenções, quer de

políticas e ações institucionais. Alguns países já reconheceram² que as consequências de desatender os problemas específicos dos docentes iniciantes trazem sérios prejuízos econômicos, tanto pela deserção dos mesmos como pelo impacto de suas ações no sistema educativo. Percebe-se, então, que o movimento extrapola o campo pedagógico e assume uma posição estratégica nas políticas públicas das diferentes nações.

O segundo eixo em intensidade de comunicações apresentadas articulou-se em torno da **construção dos saberes dos docentes dos iniciantes**. Foram estudos que tomaram mais intensamente a dimensão individual ou de grupos, centrando-se nas trajetórias que os novos docentes percorrem nos primeiros anos de profissão. Partem do pressuposto de que há um “rito de passagem” entre a formação acadêmica, - incluindo as práticas acompanhadas -, e a “vida real”. Nesta, o professor precisa integrar conhecimentos a partir de diferentes contextos para ir construindo sua forma própria de agir, sua teoria pessoal em relação à gestão da aula, com implicações cognitivas, éticas e afetivas.

Dado que a formação acadêmica dos cursos de formação privilegia os saberes das matérias de ensino, os professores iniciantes se instituem a partir de uma perspectiva conteudista, acreditando, inicialmente, que o domínio do conteúdo é a chave de sua docência. Logo, porém, percebem que as exigências são muito maiores e vivem o que Tardif (2002) e outros autores denominam como *choque de realidade*. Os saberes, que exigem uma inserção mais intensa na prática, se constituem, então, em objeto de pesquisa e reflexão na trajetória dos professores novos. Nesse contexto, variáveis como nível de ensino e campo científico interferem nos processos construtivos, dadas as suas culturas e peculiaridades.

Outra dimensão bastante presente entre os estudos apresentados refere-se aos **saberes de professores/alunos na formação inicial/estágios**. Nesse caso, focando os Cursos de Formação de Professores, toma-se o que se pode chamar de “pré-iniciantes”, ou seja, as primeiras experiências dos estudantes vivenciadas no espaço escolar. Chama a atenção o impacto desses estudos, evidenciando que as propostas de formação inicial vivem uma permanente tensão entre os pólos da teoria e da prática e do ensino e da pesquisa. Os estudos centram no currículo muitas das suas preocupações e analisam as progressivas legislações que incidem sobre a formação inicial de professores. Também explicitam práticas alternativas que vêm sendo realizadas nos espaços do currículo ou

² Marcelo Garcia (2009) chama atenção para o documento da OCDE de 2005 denominado de *Teachers matter: attracting, developing and retaining effective teachers* que aborda esse problema (p. 18).

de disciplinas integradas. Ainda aparece em menor escala as relações entre universidade e escola e como tem havido dificuldades para encurtar esse caminho. Essas dificuldades são, segundo os estudos, de ordem epistemológica, administrativas e de estrutura de poder. O fato é que ainda há um fosso significativo na relação teoria-prática na formação inicial. Conceitos como da escola aprendente e da escola ensinante ainda não foram suficientemente incorporados nas representações dos formadores e dos gestores institucionais, dificultando uma trajetória de formação inicial que precisa contar com a parceria entre os espaços acadêmicos e escolares.

Entretanto é alvissareira a constatação de que a temática dos saberes dos professores/alunos na formação inicial continue a suscitar tantos estudos e experiências. Evidencia a sua importância e a necessidade de avançar em práticas formativas mais integradas. A qualidade da formação inicial certamente repercutirá no rito de passagem vivido pelo professor iniciante, favorecendo ou não a sua inserção profissional.

Com bastante intensidade, também, povoaram as discussões no evento aqui tomado como referente, o tema da ***inserção profissional, políticas públicas e trabalho docente***. Reunimos estes três descritores porque consideramos que os mesmos se entrelaçam e produzem processos na mesma direção.

Converter-se em professor se constitui num processo complexo, que se caracteriza por sua natureza multidimensional, idiossincrática e contextual, diz Marcelo Garcia (2009, p. 86), recorrendo a autores como Braga (2001) e Flores (2000) entre outros. O início de uma profissão inclui o reconhecimento de sua cultura, do estatuto que ocupa na pirâmide social e do trabalho e das peculiaridades sócio-políticas que a caracterizam.

O tema da inserção aparece forte entre os trabalhos apresentados e amplia a compreensão para além dos aspectos pedagógicos, abordando as condições de trabalho dos novos professores que ingressam numa carreira em crescente desprestígio e enfrentam situações de complexidade crescente. No caso dos docentes universitários, - ainda que mais prestigiados profissionalmente do que seus colegas dos outros níveis de ensino -, cada vez mais encontram ambientes exigentes, onde a lógica da produtividade escalona e hierarquiza, fomentando uma maratona acadêmica sem precedentes. Os estudos sobre o trabalho docente trazem matrizes interpretativas da sociologia e da psicologia social, principalmente. Mas inscrevem-se, também, no plano das políticas e da história da profissão. O conceito de identidade profissional é recorrente nos trabalhos

apresentados e indica a busca de um princípio organizativo da vida dos professores. Alguns enfocam os impactos vivenciados pelos professores, quando alteram suas identidades de aluno para docente. São recorrentes nas pesquisas afirmações que comprovam os desafios dessa transição.

Para alguns professores novos – especialmente os que atuam na educação superior - o desafio está em ser reconhecido e legitimado pelos pares num contexto de competição acadêmica cada vez mais acirrada. Para outros, a preocupação maior é o domínio de classe, mantendo o equilíbrio entre o afeto e a necessária disciplina dos alunos nos espaços de aula. Certamente esse é um *contexto de lutas e conflitos e um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão e não uma condição adquirida* (Nóvoa, 1992, p. 16.). Isso significa que são temas que requerem aprofundamento e discussão, fazendo avançar o campo da inserção na docência.

Com menor incidência frente ao total de trabalhos apresentados, - mas com uma relevante presença entre os temas tradicionais -, aparecem estudos sobre ***os professores principiantes em contextos desfavoráveis***. Certamente esta temática é um sinal dos tempos recentes e indica uma realidade que não pode mais ser ocultada.

Ao contrário de outras profissões, ao docente principiante, muitas vezes, cabe o exercício profissional em contextos complexos e exigentes na sua dimensão político-social e pedagógica.³ O abandono da profissão é particularmente alto em escolas interiorizadas e de zonas desfavorecidas, pois os docentes principiantes esmorecem frente às dificuldades e as inseguranças próprias de sua condição. Os ambientes de trabalho são precários e a valorização profissional muito relativa. Muitas vezes exige-se uma maturidade profissional que os novos ainda não alcançaram e esse fato reduz a confiança que colocam no seu desenvolvimento profissional.

Os países desenvolvidos já despertaram para o problema e estão investindo na diminuição do impacto desse fenômeno. Entretanto a incidência dos estudos apresentados no evento em análise evidencia a necessidade de abordar essa dimensão. Não apenas os ambientes social e culturalmente desfavorecidos impactam os novos professores mais intensamente, como também os desafios das políticas de inclusão, das

³ Marcelo Garcia chama a atenção para a relação entre o grau de estruturação das profissões e os cuidados com a incorporação de novos membros. Fazendo analogias exemplifica que não é comum um médico recém formado realizar transplantes de coração, nem um arquiteto assinar a planta de um edifício de muitas vivendas. Muito menos que um piloto com poucas horas de vôo possa comandar um Airbus 340. Que se poderá pensar de uma profissão que deixa para os novos membros as situações mais conflitantes e difíceis? Pois algo assim ocorre com a docência. (2009, p. 19).

culturas digitais e tantas outras que vêm exigindo dos docentes a construção de saberes que, para muitos, não fizeram parte de sua história enquanto alunos e que requerem a construção de saberes no contexto da prática profissional.

Mesmo com expressão numérica menos impactante, três trabalhos foram apresentados com um aprofundamento especial na temática ***dos professores iniciantes e a educação digital***. Provavelmente nesse quesito, os docentes novos possam ter vantagem frente aos veteranos já que, sendo mais jovens, provêm de uma geração em que há convivência com a tecnologia desde muito cedo. De qualquer forma cremos que o registro é importante, pois se trata de uma demanda inevitável para todos os docentes no contexto atual. Certamente se constitui numa temática a ser melhor explorada entre os saberes docentes dos principiantes, pois quem sabe se constitua potencialmente em uma contribuição capaz de renovar as práticas de ensinar e aprender que ainda seguem parâmetros tradicionais.

Além desses, dois trabalhos se inscrevem na categoria que denominamos ***formação de formadores dos iniciantes***, com especificidades muito próprias dessa ação. Um deles trata das narrativas de professores formadores em cotejamento com as teorias e as práticas dos novos professores e outro que aborda a importância da formação dos docentes tutores/mentores para a realização desse trabalho. Trata-se de um processo de acompanhamento reflexivo e colaborativo, realizado em situações de relações horizontais, onde a intervenção deve ter um papel qualificativo e não avaliativo. É fundamental, como expressa Marcelo Garcia, *a criação de um espaço e um clima relacional adequado à reflexão colaborativa transformadora* (2009,p.126) que estimule os atores a reflexão de suas próprias práticas. Em geral, se mobilizam saberes situados, que tenham o contexto como referência e respeitem os estilos próprios do docente iniciante.

Por fim foram onze os trabalhos que tiveram como eixo principal ***a iniciação à docência e a pesquisa***. Reunimos nesse eixo estruturante as produções que exploravam metodologias investigativas como favorecedoras de processos de intervenção na educação dos professores iniciantes. As narrativas e as histórias de vida foram particularmente nomeadas, mas também estudos sobre a importância das representações sociais e da etnografia como ferramenta de formação. Estudos de gênero e de culturas – como iniciação em ambientes especiais em escolas rurais e Colégios de Aplicação, por exemplo, – também constituíram o constructo analítico. Dão conta, estes estudos, da

interlocução da temática dos docentes iniciantes com outras dimensões que impactam a docência e provocam questões de pesquisa.

O intuito de organização da análise dos trabalhos apresentados em torno do tema *Docentes Iniciantes* teve o objetivo de explicitar tendências, dentro de um campo ainda novo de preocupações acadêmicas e institucionais no Brasil. Quis mostrar também a pujança e diversidade de abordagens que compõem o mosaico de interesses e preocupações em torno do tema.

Retornando ao tema da docência universitária e sua formação

É fundamental que se retome a dimensão da formação do professor da educação superior para enfrentar velhos e novos dilemas.

Entre os amplamente explicitados está a complexa relação de integração da pesquisa e do ensino nos cursos de graduação. Certamente essa complexidade não se apresenta apenas para os professores iniciantes, mas se amplia para a totalidade dos que atuam na educação superior.

O foco no início da carreira decorre da preocupação crescente com a universidade em tempos de expansão. No caso do Brasil, considerando a rede acadêmica federal, a renovação de quadros tem sido significativa e acompanha uma política de interiorização e/ou de atendimento de classes sociais menos favorecidas. Essas condições requerem a mobilização de saberes docentes muito especializados para favorecer o sucesso da aprendizagem dos estudantes. Especialmente quando se têm como horizonte a formação de um estudante cidadão, crítico, que apresente capacidades complexas de pensamento, como anunciam os Projetos Políticos Pedagógicos dos Cursos e Instituições.

Certamente os professores iniciantes têm expectativas sobre suas carreiras, mas há indicadores de que estas nem sempre estão ligadas à condição da boa docência. Para ela não foram preparados e pouco refletem sobre o sentido da relação entre ensino e pesquisa. Por outro lado não encontram nos ambientes que os acolhem uma cultura de valorização das práticas pedagógicas. Sua progressão funcional também pouco depende dessa avaliação. Ao mesmo tempo precisam de um clima favorável ao seu desenvolvimento profissional. E este necessariamente inclui o reconhecimento de seus alunos.

Portanto, é fundamental uma reflexão sistemática sobre esse impasse, sob pena de fazer abortar o empenho das políticas de democratização da educação superior que se gestam no país. Se elas não forem acompanhadas de ações pedagógicas sistemáticas de apoio e acompanhamento de professores e estudantes, correm o risco de não alcançarem o sucesso esperado.

Esse é o intuito de chamar a atenção para a condição dos professores iniciantes. Pensar em programas de inserção/formação parece imprescindível. Como afirma Ruyz (2009), devemos ter em conta que para os professores principiantes da educação superior *é necessário um processo de adequação profissional, como uma forma de socialização, com características e conotações que exigem atenção, para poder apresentar resultados efetivos* (p.190).

Haverá espaços na agenda acadêmica para essa questão?

Bibliografia

- ARROYO, Miguel. (2002). *Ofício de mestre*. Petrópolis. Ed. Vozes.
- BRAGA, F. (2001) *Formação de professores e identidade profissional*. Coimbra, Quarteto Editora, 2001.
- CORREIA, José Alberto, Matos, Manuel.(2001). *Solidões e solidariedades nos quotidianos dos professores*. Porto, Ed. ASA.
- CUNHA, Maria Isabel da (1988). *O professor universitário na transição de paradigmas*. Araraquara. JM Editora.
- CUNHA, Maria Isabel da (org.) (2006) *Pedagogia universitária: inovações pedagógicas em tempos neoliberais*. Araraquara/SP, JM Editora.
- ELTON, Lewis (2008) “El saber y el vínculo entre la investigación y la docência”. In: BARNETT, Ronald (ed.) *Para una transformación de la universidad. Nuevas relaciones entre investigación, saber y docencia*. Barcelona, Editorial Octaedro.
- FLORES, M. A. (2000) *A indução no ensino: desafios e constrangimentos*. Lisboa, Editora do Instituto de Inovação Educacional.
- FORGRAD – Fórum de Pró-Reitores de Graduação das Universidades Brasileiras. www.forgrad.br
- HUGHES, Mark. (2008) “Los mitos em torno de las relaciones entre investigación y docencia em las universidades” In: BARNETT, Ronald (ed.) *Para una transformación*

de la universidad. Nuevas relaciones entre investigación, saber y docencia. Barcelona, Editorial Octaedro.

LUCARELLI, Elisa. (2009) *Teoría y práctica en la universidad. La innovación en las aulas.* Buenos Aires. Mino y Dávila Ediciones.

MARCELO GARCIA, Carlos (org.). (2009). *El profesorado principiante. Inserción a la docencia.* Barcelona. Ediciones Octaedro.

NÓVOA, António (1992). *Os professores e sua formação.* Lisboa. Dom Quixote.

NÓVOA, António. (1992) *Os professores e sua formação.* Lisboa. Dom Quixote.

PIMENTA, Selma, ANASTASIOU, Lea, (2000). *Docência no Ensino Superior.* São Paulo, Cortez Editora

RIOS, Terezinha Azeredo. (2000) *Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade.* São Paulo, 182 p. *Tese de Doutorado em Educação.* Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo

RUIZ MAYOR, Cristina (org.). (2007). *El asesoramiento pedagógico para La formación docente del profesorado universitario.* Ed. Universidade de Sevilla.

_____ (2009). “El desafío de los profesores principiantes universitarios ante su formación. In: MARCELO GARCIA, Carlos (org.). *El profesorado principiante. Inserción a la docencia.* Barcelona. Ediciones Octaedro,

TARDIF, Maurice. (2002). *Saberes docentes e formação profissional.* Petrópolis, Vozes.